

Cura por um acréscimo

"A cura só é possível como acidente,
como evento:
não depende de vontade ou intenção.
Acontece. Como escrever.
Quanto mais vontade e propósito por trás disso,
quanto mais ele foge, mais ele se recusa".
(Claudia Masin, Cure e seja curado)

A psicanálise nasceu como uma tentativa de curar aquelas doenças que a medicina não conseguia curar, porém, foi o próprio Freud quem nos alertou sobre o furor dos curandis, e então Lacan afirmou que a cura ocorre por acréscimo.

Que implicações traz que a cura, em uma psicanálise, venha como um acréscimo? A que cura estamos nos referindo, ou mais precisamente, a que cura uma psicanálise?

"Repetidas vezes tive que ouvir de meus pacientes, depois de prometer cura ou alívio por meio de uma cura catártica, esta objeção: Você mesmo diz; é provável que meu sofrimento esteja entrelaçado com as condições e incidentes da minha vida; você não pode mudar nada neles, e então, como pretende me ajudar? A isso pude responder: não tenho dúvidas de que seria mais fácil para o destino do que para mim livrá-lo de seu sofrimento. Mas você ficará convencido de que o ganho é grande se conseguirmos transformar sua miséria histórica em infortúnio comum. Sigmund Freud, Sobre a psicoterapia da histeria.

Escolho estas palavras do Mestre, ditas no final de 1800, como um pontapé para pensar que cura, se o fizer, uma psicanálise. Eu não escolhi aleatoriamente este parágrafo.

Particularmente me importou porque encontro nela uma posição invariante e entendo que invariante é o que faz a especificidade da nossa prática: a sua ética. Freud, sujeito de seu tempo, e incapaz de escapar do positivismo de seu tempo, promete, mas não promete tudo. Não promete uma vida ideal, sem sofrimento, de pura felicidade, mas sim uma mudança, uma passagem do sofrimento neurótico para o sofrimento da própria vida. Apela à geração de confiança em um trabalho que envolve subjetivamente o analisando, deslocando-se do lugar de salvador ou curador. A especificidade do tratamento psicanalítico, na medida em que deve suscitar a emergência do inconsciente, impõe a Freud a necessidade de um

método e de condições que o tornem possível: a regra fundamental, contraparte essencial da assunção do inconsciente, e sua Correlato necessário no analista: atenção flutuante. O analista é aquele que escuta, no quadro da transferência, a partir de uma posição de abstinência. Do que ele se abstém? De colocar em jogo sua fantasia, de responder a partir daí à demanda do paciente, de intervir a partir de seu lugar de sujeito, enquanto se trata do aparecimento do sujeito do inconsciente do analisando. O desejo do analista é um lugar vazio, não parte de nenhum ideal a priori de saúde, não tem metas pré-estabelecidas de cura, nem de adaptação do sujeito a uma determinada realidade, por isso "a cura ocorre em adição".

Atualmente, o discurso da ciência supõe um progressivo abandono da clínica. As perguntas que são feitas ao paciente desde os tempos antigos: o que há de errado com ele? desde quando? a que você atribui isso? que convidam a falar ficam em segundo plano e em seu lugar vem o uso generalizado de protocolos, a segmentação do corpo e a dispensação massiva de medicamentos junto com a lista de dicas e técnicas que buscam a adaptação do sujeito à regra. Por outro lado, a clínica psicanalítica não é determinada por uma estrutura fixa, nem por protocolos que a determinem. A direção da cura não está dentro de uma perspectiva universal, mas, ao contrário, está voltada para a solução única que cada sujeito pode encontrar diante da lógica da castração. O ponto em que cada um chega nesse caminho não pode ser antecipado. Trata-se de localizar a lógica particular de cada paciente para intervir a partir daí, deixando-se levar pela transferência, tornando-se causa do desejo do sujeito como um semblante do objeto a, para produzir as reviravoltas que dão origem a uma subjetividade movimento que possibilita a passagem do dito ao dizer e com ele as mudanças na posição subjetiva do analisando, em relação ao Outro e seus pequenos outros, gerando novas distribuições na economia do gozo, um saber-fazer com o sintoma e o oportunidade para um sujeito descobrir e sustentar seu próprio desejo. Lacan sustenta que o ato ético é aquele que está de acordo com o desejo do sujeito, e o ato não ético, o ato culposos, é aquele em que o sujeito cede -isto é: renuncia- ao seu desejo. -Você tem agido de acordo com o desejo que o habita? É uma ética relativa ao discurso. Relativo à palavra

que atua e modifica o sujeito em sua relação com a realidade. Não é um belo dizer literário, não é oratória nem retórica, é uma posição de onde se diz, se enuncia. Assim, privilegia-se o sujeito da fala, o sujeito da enunciação, o sujeito do ICC e não o sujeito do enunciado, da compreensão. Com Freud descobrimos que as palavras são capazes de adoecer, mas também de curar. Como? Ouvir o que ressoa, estabelecer novas combinações, criar outras versões, esvaziar significados pré-determinados. Essa orientação subverte diretamente a abordagem da psicoterapia clássica que parte da doutrinação e do conhecimento constituído. Não se trata das normas de qual ou tal enquadramento, ainda que deles possamos fazer uso, mas será o analista que com seu ato dará existência ao ICC em cada caso, operando sobre aquela linguagem, seja por meio da interpretação, corte ou silêncio, para que surja uma nova expressão capaz de articular o desejo do sujeito. Escutar sem compreender, para que o sujeito repare-reconheça- o sofrimento, a dor, a alienação ao Outro, as respostas coaguladas, a determinação significante, suas alegrias; para se posicionar de forma diferente. A cura, então, acrescentou à reparação, ao distinguir o que antes não se distinguiu, reconhecendo naquele discurso que acreditávamos ser nosso, mas que nos foi imposto, a falta estrutural que dará origem a um novo desejo e vital posição. A psicanálise não cura a castração, a falta de ser, não há relação sexual ou a mulher não existe; a psicanálise não cura a carência estrutural, pelo contrário, se alguma coisa a psicanálise nos cura, é o engano da completude e do "nada é impossível", tão em voga nos dias de hoje. A psicanálise nos cura do engano que submete o sujeito a um trabalho incessante para cobrir a falta no Outro, respondendo à sua demanda, cumprindo seus mandatos, impossibilitando sua impotência por acreditar que tudo é possível, usufruindo dos imperativos do superego, pagando com seu sofrimento pela renúncia de seu desejo. E será nesse movimento que a falta põe em jogo, aquela que causa e motoriza o desejo, articulado mas não articulado, atravessando o real pelo simbólico, atravessando o fantasma, separando-se daquele Outro primordial, indo além do pai para condicionar de fazer uso dela, reconhecendo o impossível, que o sujeito poderá habitar seu desejo e este mundo, amorosamente ligado a outros, alertado para os pontos fantasmáticos que o determinavam,

mudando, um pouco a cada volta desta obra, seu sofrimento neurótico para saber fazer com seu sintoma e poder enfrentar os infortúnios comuns que, sem dúvida, a vida lhe trará.

Siri

Gabriela

maio 2023